

O FEMININO NOS CONTOS DE FADAS: UMA ANÁLISE DO LIVRO INFANTIL ATÉ AS PRINCESAS SOLTAM PUM

THE FEMININE IN THE FAIRY TALE: AN ANALYSIS OF THE CHILDREN'S BOOK ATÉ AS PRINCESAS SOLTAM PUM

Eduardo Dias da Silva 1
Uelma Alves da Silva 2
Sônia Margarida Ribeiro Guedes 3

Resumo: O presente artigo busca discutir a representação do papel social feminino na obra *Até as princesas soltam pum* (2008) escrita por Ilan Brenman e ilustrado por Ionit Zilberman. A personagem Laura faz o questionamento que dá título ao livro infantil e na busca por respostas indaga seu pai que vai à biblioteca onde encontra o livro secreto das princesas no qual temos acesso as histórias dos problemas gastrointestinais e as flatulências das princesas. Trazendo uma perspectiva das princesas, o livro desmitifica a perfeição do papel feminino, muitas vezes, apresentada nos contos de fadas clássicos. Contudo, percebe-se que não há uma mudança na estética das princesas no decorrer da história narrada pela personagem, tais como Branca de Neve, Cinderela e A Pequena Sereia, ao contrário o pai de Laura a adverte de não contar esse segredo para outrem. Buscou-se com essa análise apresentar os pontos positivos e negativos dessa reavaliação das histórias das princesas pensando o livro infanto-juvenil como um elemento social de leitura, assim como da importância que tais livros exercem no desenvolvimento social das crianças.

Palavras-chave: Papel social feminino. Livro infantil. Contos de fadas. Contos contemporâneos.

Abstract: The present article seeks to discuss the representation of the female social role in the work. *Até as princesas soltam pum* (2008) written by Ilan Brenman and illustrated by Ionit Zilberman. The character Laura makes the questioning that gives title to the children's book and in the search for answers, she asks your father that goes to the library and finds the secret book of the princesses in which she has access to the stories of the gastrointestinal problems and the flatulences of the princesses. Bringing a realistic perspective of the princesses, the book demystifies the perfection of the female role, often presented in classic fairy tales. However, there is no change in the aesthetics of princesses throughout the story narrated by the character, such as Snow White, Cinderella and The Little Mermaid, instead Laura's father warns her not to tell this secret to others. This analysis sought to present the positive and negative aspects of this review of the stories of the princesses thinking of the children's book as a social element of reading, as well as the importance of such books in the social development of children.

Keywords: Female social role. Children's book. Fairy tale. Contemporary Fairy tale.

Doutorando em Literatura e Mestre em Linguística Aplicada pela Universidade de Brasília (UnB). Professor e Pedagogo na Educação Básica da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF). Pesquisador dos Grupos CNPq GECAL/UnB, FORPROLL/UFVJM e GIEL/UFLA.
E-mail: edu_france2004@yahoo.fr

Mestranda em História pela Universidade de Brasília (UnB).
E-mail: uelma.as@gmail.com

Doutora e Mestre em Linguística pela Universidade de Brasília (UnB).
Graduada em Letras-Português e respectiva Literatura pela UnB. Professora de Língua Portuguesa e Literaturas na Educação Básica da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF). Pesquisadora no Grupo CNPq GECAL.
Email: son.ninha@hotmail.com

A literatura dos contos de fada

Desde as primeiras narrativas de Charles Perrault e dos irmãos Grimm, os contos de fadas foram incorporados à cultura ocidental tornando-se importantes meios de representações dos papéis sociais. Um olhar detalhado sobre o conceito do que é um conto nos mostra que “é uma estrutura simples do gênero narrativo, em que se encontra uma unidade dramática ou um motivo central que se desenvolve por meio de circunstâncias breves e que são dependentes desse motivo” como elucidado por Bortolotto (2012, p. 13).

As origens dos contos de fadas não são fáceis de identificar visto que o imaginário humano sempre esteve presente ao longo de sua história, valendo aqui a famosa frase de Jolles (1976) de que “quem conta um conto, aumenta um ponto” que gerou diversas modificações nos contos populares fundamentais para a formação dos, hoje, famosos contos de fadas. Sendo essa origem cheia de possibilidades, sabe-se que há uma origem oriental principalmente em contos da Pérsia até que chegassem ao modelo europeu no início do século XVII sob o reinado de Luís XIV, conseguindo se expandir para as mais diversas localidades, às vezes incorporado com outros contos ou mesmo modificados (COELHO, 2009 *apud* BORTOLOTTI, 2012).

As versões iniciais desses contos como conhecemos hoje são de Perrault, que inicialmente atribuiu à autoria destes ao seu filho. Sua obra ficou conhecida como os *Contos da Mamã Gansa* que tinha como principal característica uma moral em cada história. Perrault buscava, além de revalorizar os contos populares, reutilizá-los na educação de jovens (MEREGE, 2010 *apud* PAULINO, 2014). O historiador Robert Darnton nos oferece uma análise histórica de alguns desses contos:

Darnton analisa os contos de Perrault como documentos históricos, buscando evidenciar o papel dos camponeses na transmissão oral de histórias de diferentes épocas e locais, com pouquíssimas variações: “Longe de ocultar sua mensagem com símbolos, os contadores de histórias do século XVIII, na França, retratavam um mundo de brutalidade nua e crua” (1986: 29), com madrastas, orfandade, trabalho exaustivo, morte. Os contos de Perrault fazem parte do inventário das narrativas do maravilhoso e se por um lado transitam por elementos desse maravilhoso, por outro, focalizam a crueldade e a violência reinantes à época do registro realizado pelo escritor (sociedade francesa do século XVII). As narrativas de antanho não são fruto apenas da criatividade humana e se hoje a floresta nos parece encantada, naqueles tempos deveria ser um espaço amedrontador e terrível, onde seria possível encontrar uma fera, um ogro ou, quem sabe, uma fada no meio do caminho (MICHELY, 2013, p. 64).

Os contos ganharam mais destaque com os irmãos Grimm. Esses autores deram um novo, estilo, ou seja, um novo viés, adaptando esses contos para uma versão com menos crueldade baseado na cultura alemã. Para tanto, os irmãos Grimm contaram com a ajuda de Katherina Wieckmann e Jeannette Hassenpflug. Ainda segundo Coelho (2009 p. 29 *apud* BORTOLOTTI, 2012, p. 16):

[...] como gênero, a literatura infantil nasceu com Charles Perrault. Mas somente cem anos depois, na Alemanha do século XVIII, e a partir das pesquisas linguísticas realizadas pelos Irmãos Grimm (Jacob e Wilhelm), ela seria definitivamente constituída e teria início sua expansão pela Europa e pelas Américas.

Outro importante nome para a disseminação desses contos foi o dinamarquês Hans Christian Andersen, o qual publicou entre 1835 e 1877 centenas de contos com novas problemáticas, trazendo as injustiças que se encontravam nos pilares da sociedade e propondo a solução dessas através da fé religiosa, disseminando o cristianismo em suas obras e sugerindo padrões de comportamento a

serem seguidos. Todo esse histórico nos revela a ligação da literatura oral com a literatura infantil, como elucidado por Coelho (2009) e Bortolotto (2012).

Foram importantes também os contos de La Fontaine que reivindicavam a autoria de seus escritos. Essas revisitações são chamadas conto de fada autoral, aqui cabe então uma distinção em relação aos contos clássicos:

Os clássicos são oriundos da tradição oral, apresentam-se em diversas versões e não possuem autor, época ou local de origem determinados; já os contos autorais, por outro lado, possuem autor, tempo e o espaço de enunciação conhecidos, além de ter na língua escrita sua forma original, ainda que possam depois ser absorvido pela tradição oral. Desta forma, pertence aos contos de fada clássicos narrativas populares como 'Chapeuzinho Vermelho', 'Branca de Neve', 'A Bela e a Fera', 'O pequeno polegar' e outros contos (PAULINO, 2014, p. 24).

Os contos contemporâneos se apropriam tanto das estruturas narrativas tradicionais como reinventam as passagens. Deste modo, os contos autorais refletem o presente do autor que trabalha dentro de discussões que o rodeia. Os contos clássicos estão posicionados dentro do que Todorov (1980, p. 30) chama uma "das variedades do maravilhoso" em que os acontecimentos sobrenaturais não provocam surpresa "nem o sonho que dura cem anos, nem o lobo que fala, nem os dons mágicos das fadas". Para ele, o que distingue o conto de fadas é certa escritura, não o *status* sobrenatural.

Uma análise dessa literatura revela a importância do feminino que tem um papel de destaque nas obras. A pesquisadora Mariza B. T. Mendes analisou oito contos de Perrault que revelaram regularidades sobre o papel da mulher.

A resignação diante de algo que aparentemente é imutável, a autoridade e o respeito às leis estabelecidas e impostas por uma sociedade patriarcal. Cinderela, Bela Adormecida, Chapeuzinho Vermelho são dóceis e amáveis e lembram as garotas ingênuas e desprotegidas, que estão expostas aos perigos do mundo. As fadas lembram a mãe protetora e as bruxas lembram a madastra, a mãe malvada (SOARES, 2015, p.76).

Essas questões são fruto de um contexto maior que são a crescente do movimento feminista iniciado com a primeira onda no fim do século XIX, em meio aos questionamentos sobre os direitos humanos e com os movimentos sufragistas que lutavam pelo voto feminino já no início do século XX. Na literatura a segunda onda feminista inicia-se com a obra de Simone de Beauvoir com a publicação de *O segundo sexo* obra que discutiu a questão social feminina. Já a terceira onda surge nos EUA nos anos de 1990 com uma abertura maior tanto nas reivindicações quanto dentro do movimento feminista englobando a teoria *queer*, o reconhecimento da luta e conscientização da mulher negra, o pós-colonialismo entre outras diversas aberturas que conseguiram cada vez mais espaço mundialmente (BONICCI, 2007, p.253 *apud* ZINANI, 2011 p. 413)¹.

A partir da década de 1970, os estudos feministas invadem a crítica literária passando a considerar em suas análises o gênero tanto das obras como dos leitores e o papel da mulher escritora e leitora segundo Bellin (2011): Desse modo, esses contos apresentam narrativas que

¹ Aqui apresentamos essas datas para uma maior compreensão do leitor, mas é importante lembrar que estas não estabelecem em definitivo o início das mudanças de cada etapa do movimento, que absorviam diferentes debates e perspectivas até que chegasse a uma considerável mudança das reivindicações. Ocorria um intercâmbio e fluidez de ideias a todo o momento que permitem as mudanças entre os movimentos feministas.

mostram o papel social das mulheres ao longo dos séculos trazendo elas como modelos de doçura, feminilidade e beleza como nos lembra a fala de Alice Neikirk “algumas das histórias mais populares podem ser interpretadas como ‘concursos de beleza’ elaborados, que enfatizam a mensagem de que a aparência jovem da mulher, especialmente quando aliada a uma conduta adequadamente dócil, é seu bem mais importante” (NEIKIRK, 2009, p.38 *apud* MARTINS, 2016, p. 352). Essa valorização da beleza do feminino é um fator que perpetua nos contos de fada desde o momento em que se estabeleceram os papéis tanto da mulher como do homem.

Figura 1 – Princesas de contos de fadas



Fonte: Ilustrações do britânico Hayden Williams.

Tendências revisionistas vêm buscando escrever novas histórias em que os estereótipos de gênero sejam desconstruídos, mas como nos alerta ainda Neikirk (2009) *apud* Martins (2016, p. 35) alguns padrões ainda se fazem presentes “Os novos contos de fadas que começaram a surgir podem até apresentar uma mulher em um papel bem mais independente, mas a aparência física raramente se afasta daquela, heterossexual, da ‘boneca Barbie’, salvo uma pequena variação da cor dos cabelos”. Deste modo, a literatura em seus muitos caminhos traz uma nova visão dos contos de fada onde a questão do feminino passou a ser reinventada para trazer e atrair uma nova diversidade de leitores (JUNGES *apud* AGUIAR; BARROS, 2015, p. 02).

Um exame mais detalhado das personagens que perpassam a literatura infanto-juvenil atual mostra-nos que as princesas reaparecem, porém, alternando finais, deslocando pontos de vista, recolocando cenas. As produções a partir da década de 1970 apoderaram-se do estatuto das princesas para desmitificá-lo, inaugurando novas linhagens. Os papéis fossilizados das personagens são, portanto, mexidos (LAJOLO & ZILBERMAN, 2005 *apud* SOARES, 2015, p. 81).

Dentro dessa análise, considerando os contos de fadas revisitados junto de uma análise feminista crítica analisamos a obra da literatura infanto-juvenil intitulada *Até as princesas soltam pum* (2008) escrito por Ilan Brenman e ilustrada por Ionit Zilberman o objetivo é analisar os pontos positivos e negativos assim como a análise da obra enquanto gênero literário.

Analizando a obra

Até as princesas soltam pum (2008) é uma obra com inúmeras reedições e traduções e também foi transformada em peça de teatro no ano de 2013. De autoria de um dos mais famosos nomes da literatura infanto-juvenil do contemporâneo brasileiro o livro está indicado para uma leitura compartilhada a partir dos três anos e uma leitura independente a partir de sete anos. A biografia no final do livro nos informa que o escritor é psicólogo e doutor pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP) e autor de mais de 18 livros e também é contador de histórias. A ilustração é feita por Ionit Zilberman formada em artes plásticas. O livro distribuído pela editora Brinque-Book traz também a opção de ouvir a história *online*, em sua versão áudio *book*.

A narrativa conta a história de Laura que após uma briga na escola recorre ao pai para responder uma questão que a aflige: As princesas soltam pum? Para responder à questão o pai vai à biblioteca e tira o livro secreto das princesas onde estão escondidos todos os segredos das princesas mais famosas do mundo. Para responder à pergunta da filha, ele vai à seção problemas gastrointestinais e flatulências das mais encantadoras princesas do mundo então uma nova narrativa começa abordando esses casos no conto da Cinderela, aparentemente a preferida de Laura, seguido da Branca de Neve e da pequena sereia.

O que se presencia no livro é uma nova abordagem que não modifica os contos nas muitas versões existentes, mas se insere um novo elemento de significado para um conto clássico refletindo a literatura como uma fonte para discutir os novos tempos. Uma das primeiras características presentes no livro é a presença de uma personagem infantil e o lúdico que se apresenta pela ingenuidade e curiosidade de Laura frente a uma briga na escola. Para Laura, os contos de fada e a realidade se conectam e se chocam ao mesmo tempo, mas ela maravilha-se por descobrir um segredo que ainda não sabia sobre o mundo das princesas. Aqui apresenta-se os contos originários dos irmãos Grimm, Perrault e de Andersen, o narrador heterodiegético sabe tudo da história e nos mostra as inquietações da personagem.

Branca de Neve

No conto clássico de Branca de Neve sua mãe morre após o parto e seu pai casa-se novamente. Sua madrasta era belíssima e não admitia que alguém fosse mais bela do que ela, para certificar-se de ser a mais bela sempre perguntava a um espelho: espelho, espelho meu existe alguém mais bela do que eu? Na maioria das vezes, a resposta era negativa mais até que um dia o espelho respondeu que era Branca de Neve a mais bela. Isso aconteceu quando a menina tinha sete anos de idade a partir desse momento ela desejou a morte de Branca de Neve. Não suportando a inveja e orgulho que penetraram em seu coração, ela contrata um caçador para matar a menina e pede como prova que traga seus pulmões e fígado, ele, porém não conseguiu cumprir a ordem e a deixou fugir e para comprovar a morte da menina o caçador entregou a rainha, como prova de seu feito, os pulmões e o fígado de um filhote de javali e a madrasta mandou fervê-los na salmoura e os comeu, pensando ser da menina morta. Branca de Neve após fugir, encontrou abrigo na casa

dos sete anões que receberam a menina docemente, enquanto eles iam trabalhar nas minas, ela cuidava dos afazeres da casa.

Os anões quando saíram para trabalhar advertiram Branca de Neve sob o perigo que corria se a madrasta descobrisse que ela ali estava e a advertiram-na para que não abrisse a porta para ninguém. Após o caçador ter “cumprido as ordens”, a rainha questiona novamente o espelho sobre sua beleza e fica furiosa ao saber que Branca de Neve ainda estava viva, decidindo ela própria realizar a ação e vai ao seu encontro na casa dos sete anões. Disfarçada de uma velha vendedora ambulante, a madrasta envenenou uma maçã e a menina não podendo resistir, comeu a fruta envenenada. Apesar de morta, ela ainda conservava sua beleza com bonitas faces vermelhas o que levou os anões a enterrarem em um caixão de vidro e mesmo depois de muito tempo, não se decompôs dando a impressão de estar dormindo.

A história se encerra quando um príncipe se encanta pela jovem no caixão, implorando aos anões que lhe entreguem o caixão e eles então o entregam de presente. Quando seus criados iam transportar o caixão tropeçaram em um arbusto fazendo com que o solavanco soltasse o pedaço de maçã envenenado de sua garganta que estava entalado a menina então voltou à vida casando-se com o príncipe e conquistando o seu feliz para sempre de vez com a morte da rainha².

Esse breve resumo da história reforça a imagem feminina já discutida nesse trabalho, agora um olhar sobre a versão criada por Ilan Brenman. No seu livro secreto, ele oferece uma perspectiva diferente para que Branca de Neve estivesse em um caixão de vidro, sua história inicia-se a partir do convívio entre a menina e os anões instigado pela curiosidade de Laura ele responde:

A comida dos anões era muito gordurosa, eles gostavam de torresmo, repolho refogado, queijo de todos os tipos, bolos de abricó³... A Branca de Neve já estava estufada com toda aquela comida cheia de colesterol. Quando a madrasta deu a maçã envenenada para ela, não houve nem tempo de experimentá-la Branca soltou um pum tão fedorento, que chegava a ser tóxico. Ela desmaiou por causa disso.

- Por isso os anões a colocaram num caixão de vidro, para ninguém sentir o cheiro?

- É evidente, minha filha.

- E como o príncipe teve coragem de chegar perto dela?

- Aqui no meu livro diz que, no dia em que o príncipe passou e viu o caixão de vidro, ele estava com uma gripe danada, o nariz todo entupido.

- Ufa, se não fosse isso, a Branca de Neve estaria morta.

-Pode ter certeza – disse o pai convicto (BRENMAN; ZILBERMAN, 2008, p. 10).

O autor através das condições de Branca de Neve rompe algo importante sempre presente nos contos de fada que é a ideia do perfeito para as/os protagonistas. A princesa se alimenta com comidas pesadas conhecidas na cultura brasileira e isso é o motivo do seu problema gastrointestinal que a leva ao caixão de vidro. Essa versão contribui para tornar a história mais humana e próxima da realidade, assim como o fato do príncipe está com um nariz entupido, vítima de uma gripe. Percebe-

2 Versão Irmãos Grimm In: Machado, Maria Luiza. Contos de fadas: de Perrault, Grimm, Andersen e outros. Tradução: Maria Luiza. Rio de Janeiro: Zahar, 2010. p. 129-144.

3 Aqui o autor apresenta alguns pratos da culinária brasileira diferente do prato de sopa do conto original. Abricó é uma planta que nasce principalmente no Pará seu fruto comestível é carnoso e muito duro.

se na versão recontada que os papéis do feminino e masculino são conservados remetendo ao conto original, a beleza ainda é o principal atributo de Branca de Neve que faz o príncipe encantar-se com ela.

Cinderela

Após a morte da esposa, um fidalgo casa-se novamente com uma mulher soberba e orgulhosa que tem duas filhas com as mesmas características. O fidalgo tinha uma filha que era doce e bondosa despertando, assim, o desprezo da madrasta que era o seu oposto. A madrasta ordenava a menina que fizesse todos os serviços da casa e a fazia dormir no sótão, não ousando queixar-se ao seu pai que a teria repreendido por não obedecer à esposa.

Por ficar sentada em meio às cinzas da lareira era chamada de gata borralheira, mas logo uma das irmãs a chamou de Cinderela. Um dia, o príncipe do reino local oferece um baile e as irmãs da menina ficam ansiosas para irem e Cinderela se põe a chora, pois, sua madrasta não a deixaria ir, contudo sua madrinha que era também uma fada diz a Cinderela que se ela promettesse ser uma boa menina a faria ir ao baile. E foi o que aconteceu, a fada-madrinha transformou uma abóbora em uma linda carruagem dourada, camundongos em cavalos e um rato em cocheiro para poder levar a princesa ao baile. Mudou seus maltrapilhos em um lindo vestido e lhe deu lindos sapatinhos de vidro, em um passe de mágica.

Ao sair para o baile, a madrinha recomendou que não passasse da meia noite, caso contrário à mágica acabaria. Quando chegou a festa, o encantamento foi total, nunca tinha se visto tamanha beleza, o príncipe ficou encantado com a jovem. Faltando um quarto para a meia noite, Cinderela se despediu de todos e retornou a casa, mas foi novamente ao Baile, convidada pelo príncipe, só que dessa vez saiu quase na hora recomendada e devido à pressa deixou para trás um de seus sapatinhos de vidro.

O príncipe então resolveu que se casaria com a dona daquele sapato, a jovem que ele desconhecia. Quando Cinderela os calçou ficou comprovado que era ela, a moça que o príncipe procurava. Cinderela, então, perdoa as irmãs pelos maus tratos e ao tornar-se mulher do príncipe, as leva para morar no palácio, conquistando o seu feliz para sempre⁴. Na versão do livro secreto, Laura descobre que no dia do baile algo aconteceu:

Naquela noite, ela estava muito nervosa. Antes de ir para o baile, ela comeu duas barras de chocolate que a madrasta havia escondido na despensa. Na hora da dança, o príncipe apertou muito a cintura da Cinderela, ela não aguentou e soltou um pum bem no instante em que o relógio avisou que era meia-noite.

- Ufa, pai! Quer dizer que o príncipe nem percebeu?

- Não filha (BRENMAN; ZILBERMAN, 2008, p. 12).

Assim como a história original Cinderela era muito doce e não ousou pedir ao príncipe que não a apertasse tanto, mas o autor rompe aqui também com a perfeição da princesa ao assumir que ela soltou um pum à meia noite disfarçando o ato devido ao barulho do relógio, mais uma vez a princesa é salva em importantes momentos para que a ideia de perfeição não seja desmanchada. O conto ainda revela um mal que ataca como nunca a sociedade de hoje que é a ansiedade, especialmente nas mulheres.

A pequena Sereia

⁴ Cinzarela ou o sapatinho de vidro. Charles Perrault. Ibidem. p. 19-31.

No fundo do mar, morava o rei viúvo que tinha sua mãe como grande cuidadora principalmente das suas seis filhas sendo a mais bela e a mais nova com uma pele delicada como uma pétala de rosa e de olhos azuis bem profundos, como todas que habitavam o fundo do mar não tinha pés, e sim uma cauda de peixe. Quando completavam 15 anos, as jovens podiam subir para ver a superfície e foi assim com todas as princesas que descobriam cada vez mais do mundo fora do mar. A mais jovem das princesas observava um dia um navio que era esperado que afundasse normalmente as sereias iam ao seu encontro cantando canções sobre a beleza do fim do mar, mas tudo que os marinheiros ouviam eram uivos que imaginavam ser da tempestade. A mais jovem das princesas notou um jovem príncipe de 16 anos de olhos escuros no navio e se encantou por ele. Quando o navio estava naufragando a jovem o procurou quando viu que ele afundava logo percebeu que no seu reino os homens não conseguiam viver e não podia permitir tal acontecimento indo ao seu encontro.

Após salvar a vida do príncipe, a princesa voltou para o mar e a partir desse dia viveu em tristeza por não poder contar ao príncipe que o salvou e por não poder estar junto dele. Infeliz a princesa busca a bruxa do mar para lhe ajudar e ela lhe garante uma porção que a fará ter pernas humanas, mas em troca pede-lhe o que tem de mais valioso que é a sua linda voz a princesa aceita e então vai para a terra e toma a porção ao acordar conhece o príncipe e embora não pudesse falar encantou a todos com seus modos delicados e encantadores.

Apesar disso, o jovem não amou a princesa como ela queria e apesar de todos os sacrifícios que ela fez por ele, esse acabou por se casar com outra princesa que acreditou ter salvado sua vida. Esperando a morte, a pequena sereia elevou-se ao mundo dos espíritos por ter sofrido e perseverado, a compensação seria que ao final de trezentos anos, ela poderia conquistar uma alma imortal⁵. A princesa, então, persegue esse caminho ao se despedir do príncipe e de sua esposa.

Quanto à história da Pequena Sereia, o pai revela o que estava no livro secreto das princesas: “ela é a princesa que mais conseguia disfarçar seus problemas gástricos. Quando dava aquela vontadezinha... era só pular na água, e quando apareciam as bolhas... ela dizia que eram as algas que estavam arrotando” (BRENMAN; ZILBERMAN, 2008, p. 14). Essa história também humaniza mais a princesa, mas ainda revela seus truques para que não percebam seus defeitos.

O conto recontado

No início deste artigo, deixou-se claro as perspectivas com que se analisou a obra através do olhar da teoria feminista da literatura nos contos de fada. A análise não é profunda, mas buscou mostrar como os contos ainda representam a mulher de maneira muito semelhante aos contos originais. Mas é fundamental aqui, apresentar a fala do autor sobre a escrita de sua obra, o psicólogo Ilan Brenman admite ter sido o momento atual da “discussão do feminino”, um incentivador da escrita, assim ele resume a obra:

A história fala de uma filha que pergunta para o pai se é verdade que até as princesas soltam pum. O pai fica meio desconsertado, vai até a estante e pega um livro com os problemas gastrointestinais das princesas mais famosas do mundo. As pessoas falam que é uma história que desmitifica as princesas, elas são mais reais. Não foi essa a minha intenção, mas não tem problema. Você pode interpretar do jeito que quiser.⁶

Deste modo, a análise feita neste artigo contribui para ampliar a percepção da obra *Até as*

⁵ Hans Cristian Andersen. Ibidem. p. 209-246.

⁶ Relato pessoal, in: <<https://www.gazetaonline.com.br/noticias/cidades/2016/04/boas-historias-mostram-a-crianca-o-mundo-real-os-obstaculos-e-como-podemos-supera-los-1013940198.html>>. Acesso em: 02 Dez 2017.

princesas soltam pum (2008) e contribui para o debate do feminino na literatura. A desconstrução feita aproxima essas princesas históricas do mundo real e diário das muitas crianças que leem o livro. Importante que apesar do livro ter um *design* que pressupõe uma leitura feminina, o autor nos esclarece que é lido por meninos também.

Mas o livro não traz nenhum caráter inédito na estética dessas princesas, ou seu comportamento, e principalmente não as tiram do lugar de perfeição que sempre foram colocadas, como podemos perceber no final do livro “-Mas, mesmo soltando pum, elas continuam sendo lindas princesas, não é pai? - Claro, filha. Elas são as princesas mais lindas do mundo, mas até as princesas soltam pum. O importante é você não espalhar esse segredo por aí” (BRENMAN; ZILBERMAN, 2008, p. 20). O segredo aqui é uma forma de manter essas princesas em um lugar de perfeição, não revelando seus segredos, porém também é uma forma do segredo ser um elo entre pai e a filha.

O livro traz através das ilustrações a visão de Laura que vê o pai maior, assim como sua biblioteca cheia de livros e mesmo o gesto do pai quando se abaixa para lhe contar que existe o livro secreto das princesas. A própria Laura está caracterizada em um traje que lembra uma princesa aproximando mais a pequena menina das histórias. Também vale a pena salientar que o livro desperta a imaginação na criança, e tem na pergunta da menina um ponto de contato da narrativa, mas a pergunta também é uma porta de questionamento da realidade da criança, dessa forma ela pode tornar mais complexas as questões: As princesas também choram? Elas ficam tristes? Elas se cansam de serem princesas? Quem pode ser princesa? Questões que podem tanto estar mais de acordo com a realidade ou mais com a ficção, de qualquer forma, a curiosidade aqui se torna uma desculpa para o conhecimento infantil e um convite para que os adultos saibam corresponder a essa curiosidade.

A análise do livro foi uma forma de perceber como o feminino está sendo abordado nos contos contemporâneos da literatura infanto-juvenil brasileira, buscando perceber as mudanças que a teoria feminista causou na literatura e as problemáticas que ainda se fazem presente na área.

Referências

AGUIAR, Eveline Lima de Castro; BARROS, Marina Kataoka. A Representação Feminina nos Contos de Fadas das Animações de Walt Disney: a Ressignificação do Papel Social da Mulher. XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste-Natal, RN. **Anais...** Disponível em: <<http://www.portalintercom.org.br/anais/nordeste2015/resumos/R47-1959-1.pdf>>. Acesso em: 29 nov. 2017.

BELLIN, Greicy Pinto. A crítica literária feminista e os estudos de gênero: um passeio pelo território selvagem. **Revista FronteiraZ**, São Paulo, n. 7, dezembro de 2011.

BORTOLOTTI, Mayara Marcanzoni. **A mulher nos contos de fada e na publicidade**. Porto Alegre, 2012. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/27899>> Acesso em: 29 nov. 2017.
BRENMAN, Ilan.; ZILBERMAN, Ionit. **Até as princesas soltam pum**. São Paulo: Brinque Book, 2008.

DARTON, Robert. **O grande massacre de gatos** e outros episódios da história cultural francesa. Graal: Rio de Janeiro, 1986.

JOLLES, André. **Formas simples**. Cultrix, São Paulo, 1976.

MACHADO, Maria Luiza. **Contos de fadas**: de Perrault, Grimm, Andersen e outros. Tradução: Maria Luiza. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

MARTINS, Maria Cristina. E a Bela dançou...: subvertendo o belo feminino dos contos de fadas. In: **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, janeiro-abril/2016. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2016000100351&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 29 nov. 2017.

MICHELLI, Regina. Nas trilhas do maravilhoso: A fada. In: **Revista terra roxa e outras terras**, Rio de Janeiro, v. 26, dezembro de 2013. Disponível em: <http://www.uel.br/pos/letras/terraroxa/g_pdf/vol26/TR26e.pdf>. Acesso em: 29 nov. 2017.

PAULINO, Simone Campos. **Nos fios das narradoras**: tramas e urdiduras do feminino nos contos de fadas de Angela Carter e Marina Colasanti. Rio de Janeiro, UERJ, 2014. Disponível em: <http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UERJ_4bfd4906b162958a61846480b1077c3c>. Acesso em: 29 nov. 2017.

SOARES, Lívia. Carvalho, Diógenes. A representação da menina e da mulher no conto de fadas moderno: novos destinos em “Além do bastidor” e “A moça tecelã” de Marina Colasanti. 2015. In: **Revista Signo**, Santa Cruz do Sul, v.40, n. 68 jan./jun. 2015. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/signo/article/viewFile/5114/pdf_9>. Acesso em: 29 nov. 2017.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à literatura fantástica**. Premia. México, 1980. Disponível em: <<http://static.recantodasletras.com.br/arquivos/2260559.pdf>>. Acesso em: 20 nov. 2017.

ZINANI, Cecil Jeanine Albert. Crítica Feminista: Uma contribuição para a história da literatura. IX Seminário Internacional de História da Literatura. **Anais...** 2011. Disponível em: <<http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/Ebooks/Web/978-85-397-0198-8/Trabalhos/18.pdf>>. Acesso em: 29 nov. 2017.

Recebido em 19 de julho de 2018.

Aceito em 23 de agosto de 2019.